

Bruxas, Judeus, Centeio Louco e Beldades de Veneza: Destinos e Perdas de uma Memória Europeia de Drogas Esquecidas

Filipe Nunes Vicente

*Nunca ninguém viu rios brotarem de
nascentes grandiosas; a maior parte engrossa
com águas que capta pelo caminho.*

Ovídio, *Remedia Amoris*

Existe na raiz civilizacional do Ocidente uma crença profunda : as práticas de intoxicação são-lhe excêntricas, não lhe pertencem. Muitos de nós o podemos comprovar quando revisitamos os quadros representacionais das drogas com que crescemos. O ópio que vem do Oriente, a cocaína que vem da Colômbia, e assim por diante. Não é, aliás, por acaso que um refrão conhecido fez o seu percurso nos últimos decénios do século XX, sem que os especialistas das toxicoterapias se tenham incomodado: as drogas seriam uma invenção dos loucos anos sessenta.

De entre várias consequências, uma imediata. Se a droga vem de fora e é uma moda juvenil acentuada pelas condições de vida das sociedades ocidentais, nada mais lógico que pretender erradicá-la. Naturalmente, os que a ela sucumbem são doentes e têm de ser tratados. A análise destes dois aspectos não cabe no âmbito deste texto, mesmo se a eles me refiro, inevitavelmente, aqui e ali. Mas o prato principal é a origem desta crença e proponho analisá-la, recuando no tempo muito mais do que o fazem os historiadores das

psicodependências e explorando territórios habitualmente desprezados por estes.

É claro que nos media ou em seminários universitários sempre se fez referência ao ópio da Londres vitoriana ou ao consumo de extractos de plantas com propriedades psicoactivas entre os índios americanos. É evidente que personagens tão populares do século XX, como Aldous Huxley, ou do século anterior, como Baudelaire ou De Quincey, nos legaram uma certa memória das intoxicações. Mas os historiadores das drogas e, de entre esses, os mais avisados (Rudgley, Jay, Butel, por exemplo) não têm dúvidas: a propaganda das grandes agências (ONU, OMS), dos sucessivos governos ocidentais e da esmagadora maioria dos media afinam pelo concerto do flagelo súbito e importado. Só assim se entende, de resto, a palavra de ordem nas suas cambiantes: guerra à droga, o fim da droga, por uma sociedade sem drogas, etc.

O desleixo, algumas vezes, a ignorância e a desonestidade intelectual, outras vezes, têm feito com que milhões de pessoas no mundo ocidental acreditem que tais lemas possam ser levados à prática. De pouco parecem adiantar os esforços de antropólogos, químicos, biólogos e historiadores que não se cansam de demonstrar como, desde o início das primeiras comunidades humanas, em vários pontos do globo, e até aos dias de hoje, cultura e intoxicação constituem pares fieis e sincronizados.

É sem dúvida fascinante tentar estudar a credulidade, mais ou menos ingénua, daqueles que idealizam uma sociedade deserta de práticas de intoxicação. Até porque parte desta idealização resulta de uma recusa obstinada em aceitar as drogas como um elemento cultural ordinário, evidente. Esta aceitação, exceptuando para panfletistas, não denega o risco das práticas de consumo de substâncias psicoactivas, essa é outra discussão. O leitor destas linhas saberá muito bem que uma coisa é receber amigos para um jantar excepcional, acompanhado de excelentes vinhos, digestivos, café e charutos, outra é conduzir na auto-estrada a 150 km/h após ter bebido meia garrafa de whiskey.

Naturalmente que o mito de uma sociedade sem drogas só pode existir se a generalidade das pessoas acreditar que a droga é uma mania recente, importada, extravagantemente posta em moda com os novos tempos. Dirá o leitor que me escapará um elemento decisivo, a saber, o espantoso aumento de consumo de substâncias psicoactivas estranhas, ocorrido sobretudo a partir da segunda meta-

de do século XX. Mas este facto não legitima, antes pelo contrário, a recusa obstinada em aceitar os anteriores; demonstra, isso sim, a óbvia facilidade com que as intoxicações são assimiladas e desenvolvidas na civilização ocidental dos nossos dias. Uma vez mais, é outra discussão a que se ocupa da análise das consequências deste consumo maciço; a mim compete-me sublinhar que o jogo não é a novidade, mas o aperfeiçoamento.

O interesse prático desta linha de pesquisa, dirão os toxicoterapeutas oficiais e os especialistas de prevenção e redução de riscos, é nulo. Para estes últimos, prevenção é sinónimo de colóquios bocejantes e repetitivos, spots engraçadamente juvenis nos media e acções de divulgação contra os perigos da droga e do álcool em bares (!) e discotecas. Não lhes costuma ocorrer que narrar a intoxicação, situando-a num plano culturalmente aceitável e decente, possa, eventualmente, servir os propósitos que os animam. Neste artigo, escolhi um dos muitos episódios que compõem o mosaico histórico-cultural da intoxicação, sem nenhuma incumbência oficiosa de com ele ilustrar, seja o que for, no plano prático. Sem o rigor, o método e a enorme bagagem científica dos toxicoterapeutas oficiais e, ainda, sem a elevação moral insuperável dos especialistas em prevenção, não me resta outra tarefa que não a escrita de pequenos textos como este.

DOS LUGARES

É estrutural na história das substâncias psicoactivas a sua territorialidade, tanto quanto a sua codificação cultural. Quer isto dizer que, seja por razões geo-climáticas, seja pela memória do seu uso e abuso, as drogas circunscreviam os seus utilizadores a uma naturalização de processos. A opção por uma substância em detrimento de outra não era, no mundo diversificado que outrora conhecemos, a bem dizer uma opção: não resultava de debates parlamentares ou das decisões de comissões científicas, antes se inscrevia tradicionalmente, servindo os propósitos que se pretendia que servisse. E é assim que os Chibcas da Colômbia pré-colonial utilizavam uma solanácea, a Brugmansia, numa bebida misturada de tabaco e cerveja de milho para narcotizar⁷ os escravos e viúvas dos seus reis mortos e não o ópio, entre outras razões, porque não o conheciam. E, se os Orang Ulu, do centro-norte do

Bornéu, também numa cerimónia fúnebre, menos rugosa, bebem de um só trago copos de vinho de arroz², enquanto passam em revista o reportório musical da tribo, e não utilizam cannabis é, também, porque não a conhecem.

Mas o problema não é este povo ou tribo, aquele ou outro costume, a *conditio imperii*, ditando que o lugar de observação seja a cultura ocidental. Porque dominadora, após o século XV, porque lugar de (quase) todas as emanações no que diz respeito às intoxicações, a partir do século XX. Veja-se a Convenção de Genebra de Fevereiro de 1925 ou a Conferência da O.N.U. sobre Estupefacientes de Março de 1961³. O problema é uma cultura ocidental que conhece ou pretende conhecer as principais substâncias psicoactivas, mas que com elas tem desenvolvido um relação precisamente inversa a esse conhecimento ou a essa pretensão.

Ainda antes da Expansão, mas também nos séculos que a contornam – XV a XVII – a Europa confrontava-se com muitas substâncias psicoactivas hoje negligenciadas. O contexto da sua utilização fornece-nos indicações sobre esse elemento estrutural que referi anteriormente: drogas que dividem, que habitam territórios cultural e religiosamente diversos, mesmo se geograficamente comuns. E falo de uma respeitável família das dicotiledóneas, as solanáceas, e falo de bruxas, belas de Veneza, e judeus. E falo também de como as práticas de intoxicação transbordam exuberantemente, sobretudo a partir do exterior, o lugar daqueles às quais elas não se destinam, nem a eles dizem respeito.

LENDAS E NARRATIVAS

Em meados do século XIV, Jean l'Arquevêque, senhor de Parthenay, entrega a Filipe V uma confissão assinada pelo chefe dos leprosos acusados de envenenar os poços da Aquitânia e do Périgord, entre outras regiões meridionais da França (Ginzburg 1995: 45-8). A crónica, anónima, que acaba em 1328, segue, no entanto, o sentido das crónicas de San Vittore e de D'Outremeuse: os judeus, com a ajuda do Diabo, fabricavam um veneno com sangue humano, urina, hóstia consagrada e três ervas indefinidas, tudo desidratado e reduzido a pó. Difícil fugir da menção ao assassinio dos judeus – 160 queimados e enterrados em Tours (Ginzburg 1995) - ou do anátema do concílio de Latrão de 1215 que os obrigava a usar nas roupas um círculo amarelo:

a vergonha vem de longe. Interessa-me mais as tais três ervas indefinidas, de que fala Ginzburg, que bem poderiam ser a Brugmansia dos Chicbas ou outra solanácea qualquer. Porque na Aquitânia de Trezentos, na Suábia ou na Saxónia do século XVII, ou no Piemonte já da modernidade, ervas indefinidas e culpados bem definidos entrelaçavam-se com alguma frequência. E as solanáceas, e de entre elas a Belladonna, e um fungo, com B.I. menos atraente, o *Claviceps purpurea*, cumpriam o fado habitual das drogas não-oficiais: confusão e condenação.

A família das solanáceas é extensa (até a vulgar batata dela faz parte), mas algumas espécies, a Brugmansia por exemplo, incluem uma característica interessante que é a de possuir alcalóides com propriedades psicoactivas, sobretudo a atropina e a escopolamina. A Belladonna ou, mais propriamente, a *Atropa Belladonna*, é um respeitável arbusto que pode atingir dois metros de altura, de folhagem permanente e que floresce no início do verão nos climas temperados. É, note-se, nativa da Europa, onde por volta dos fins de Setembro, exhibe os seus frutos, principais reservatórios das suas propriedades psicoactivas. Essas pequenas bagas negras, aproximadamente do tamanho de uma cereja, conheceram ao longo dos séculos vários nomes, tal como a própria planta de resto: cereja-da-feiticeira, fruto-da-bruxa, erva-do-diabo, termos populares anglo-saxónicos. É, aliás, nas línguas do norte da Europa que encontramos as designações mais directamente ligadas à história da planta e que, por sua vez, desenham o quadro de fundo da história da planta. Sono e morte são os significados principais dessas designações. Deadly night-shade (sombra-mortal-da noite). Dwale (termo inglês derivado do antigo norueguês significando sono, torpor ou transe). Walkerbeere (fruto das Valquírias)

No nome científico escolhido⁴ por Lineu, *Atropa Belladonna*, conjugam-se duas propriedades da planta. Atropos, a inflexível ou a inevitável, era uma das três Moiras gregas, sem estatuto específico, divino ou terrestre, que presidiam, na altura do nascimento dos homens, ao seu destino. Na sua designação latina, as gregas Atropos, Cloto (a fiadeira) e Laclesos (a adjudicadora) adquiriam o estatuto das Tria Fatae, os três destinos ou fados (Hamilton 1978: 41; Schmidt 1985: 210). Nos óleos de Strudwick, de 1890, e de Francisco Goya, de 1823, Atropos está, de tesoura na mão, pronta a cortar o fio da vida, Cloto desenrola-o e Laclesos determina o seu comprimento. O sentido mortal, inevitável, de Atropos foi recuperado tanto por Lineu, como pela terminologia popular.

A responsabilidade desta sombria associação devemos procurá-la tanto na química como na cultura. Começemos pelo primeiro factor, examinando mais de perto os alcalóides⁵ da Belladonna, sobretudo a escopolamina, a atropina e a hiosciamina.

Actuando sobre o sistema nervoso parassimpático, a atropina e escopolamina, produzem, em doses pequenas - até 1.0 mg - a diminuição do ritmo respiratório e cardíaco e a dilatação das pupilas. Em doses mais elevadas, a partir de 2.0 mg, o ritmo cardíaco acelera, notando-se cefaleias, distúrbios do discurso, ataxia e delírio. Como na esmagadora maioria das substâncias psicoactivas, os efeitos da Belladonna subdividem-se em dois grandes grupos consoante a dose tomada. O torpor e a sonolência que conferem uma aparência de morte e, daí, a ligação às moiras e fatae, ocorrem em dosagens baixas, bem como a dilatação da pupila. E é esta última consequência da utilização da planta que lhe confere, via Lineu, a segunda parte do seu nome científico: Belladonna. Tanto quanto se sabe (Rudgley 1999: 32-6)⁶ o nome advém do italiano bela mulher e da utilização que venezianas, florentinas e genovesas da Renascença faziam da planta. Um das gotas de sumo extraído das bagas aplicadas directamente sobre os olhos como um colírio tinham como efeito o embelezamento do olhar, através da dilatação das pupilas. Também de Itália nos chega a notícia da utilização pelo belo sexo de umas gotinhas de sumo de Belladonna nas faces, de forma a obter uma sensual palidez, nos tempos em que o bronzeado ainda não tinha o seu actual estatuto.

São legítimas algumas dúvidas acerca do inegável efeito sedutor e sensual da Belladonna, mesmo dando como correctas as teses de Rudgley, Oxenberg e Stoker sobre o efeito estético do suco da planta sobre as faces das damas renascentistas. Fica, no entanto, por saber se a Belladonna em doses um pouquinho mais elevadas não teria também um efeito desinibidor sobre o comportamento de receptividade sexual das ditas senhoras. Sabe-se que a cannabis e o álcool potenciam uma atitude desinibitória que pode favorecer o contacto sexual, por isso o mesmo poderia acontecer com a Belladonna. Isto não é um pormenor, porque, como veremos adiante, esta e outras solanáceas participaram numa história bem menos suavemente sedutora.

Mas, mesmo num simples artigo como este, ainda falta dizer alguma coisa sobre o *pedigree* desta extraordinária planta. A sua designação nas antigas tribos germânicas, Walkerbeere, fruto (baga) das Valquírias, remete evidentemente para a mitologia nórdica. O

que intriga é a associação entre a Belladonna e os deuses do Valhalla e o que pode ela significar. Para já uma semelhança notável: também os germânicos tinham as suas moiras (Cotterell 1999: 211), as Norns ou Normir, deusas do destino. A equivalente a Atropos seria Urd (o Destino); Verdandi (o Presente) corresponderia a Cloto, a fiandeira; e Skuld (O Futuro) equivaleria à moira Lacleso, a adjudicadora, a que determinava a duração da vida. Mas a designação germânica de Walkerbeere transporta-nos inevitavelmente, como disse, ao Valhalla, o grande salão dos mortos em combate, os Einherjar ou Einheriar, construído em Asgard, no bosque de Glesir. Ernst Junger (2001: 172-6), sempre prestável, relembra-nos o blot, a cerveja preparada em grandes caldeiras, mas dá pouca importância ao hidromel. Seja como for, Junger importa-se mais com a dimensão temporal das orgias do Valhalla, em cujas correspondentes terrenas encontraríamos as salas dos patriarcas-lavradores das terras frias. Calculo que Junger imagina os longos invernos sub-árticos que suspendem o tempo, a noite cobrindo a terra, e a cerveja (herdeira do hidromel de Odin) regulando o ritmo dos corpos. No entanto, as Valquírias cedem o seu nome à Belladonna em terras germânicas sobretudo através do seu significado mitológico. As Valquírias eram enviadas de Odin (ou Wotan) e, de início, representavam espíritos sinistros que, em seu nome, pairavam sobre os campos de batalha, escolhendo os que no dia seguinte iriam, heroicamente, morrer. Na mitologia nórdica tardia (Cotterell 1999: 212-13), assumem o papel de belas donzelas-cisne, escudeiras de Odin que servem no Valhalla hidromel e javali do caldeirão eterno.

O que nos fica de todas estas histórias de encantar? Uma planta, cujas bagas, principalmente, detêm propriedades psicoactivas consideráveis e que traça, na história da antiga Europa, um rasto milenar, na cultura, na vida das pessoas. Mas, e como é apanágio da história das drogas, não é só de folclore que elas vivem: condenação, enganos e tragédia terão forçosamente de fazer a sua entrada em cena.

DA CONDENÇÃO

A noite, a morte, o mistério e a sedução constituem como vimos, elementos figurativos das representações populares da *Atropa Belladonna*, bem como de outras solanáceas. Shaskepeare, em *Otelo*, informa-nos que nem a mandrágora (*Mandragora Officinarum*) pode

apaziguar o torturado mouro de Veneza, cativo dos seus tresloucados ciúmes. Agora, o que é deveras interessante é verificar como plantas com propriedades psicoactivas bem conhecidas no Velho Mundo vão aparecer como estranhas e associadas a costumes perigosos.

Os séculos XIV e XV, no que a essa associação diz respeito, são os mais sumarentos. Um pouco por toda a Europa, da Aquitânia ao Delfinado, da Bavária ao Piemonte (a Irlanda constituindo, digamos, um sub-sector) assiste-se à consagração do *sabat*, ao seu estereótipo, como Guinzburg diz. A associação entre bruxas e ervas misteriosas, sendo longa e densa (veja-se Shaskepeare, *Macbeth*, IV, I), inspira, neste artigo, apenas uma pequena parte dessa associação. Não poderei, por falta de espaço e também porque tal nos arrastaria para outras paragens, explorar o *sabat* e a Inquisição. Mas podemos investigar algumas das circunstâncias nas quais substâncias culturalmente conhecidas se tornam mais ou menos subitamente estranhas e perigosas. É claro que a Belladonna, como aliás qualquer outra planta com propriedades psicoactivas, não se torna inofensiva só porque exhibe uma história milenar de utilização. Quando às bruxas dos vários *sabat*, eram-lhes atribuídas capacidades de transformação em animais ou uma sexualidade delirante ou mesmo canibalismo, o que nos interessa é o papel atribuído às drogas que elas utilizavam.

Schroder (1996: 99-116) considera que o papel dos alucinógenos não foi ainda reconhecido suficientemente como símbolo da feitiçaria da Idade Moderna, mas a imagem comercial de uma bruxa a voar em cima de uma vassoura liga-as (a elas, às bruxas) às histórias do juvenzinho urbano dos nossos dias que, sob efeito de L.S.D., se atira de um 4º andar, julgando que pode voar. E isto porque a capacidade de voar, como muitas outras habilidades das feiticeiras eram atribuídas a pózinhos, unguentos e mistelas que só elas sabiam utilizar. Alfonso Tostado, bispo de Ávila, e Andrés De Laguna, médico do imperador Carlos V opinavam que o *sabat* das bruxas só poderia ser provocado pelo delírio causado pelo uso de drogas. Para piorar as coisas em tempos da Inquisição, acreditava-se que muitos dos unguentos psicoactivos eram administrados intra-vaginalmente ou analmente, através de clisteres (Rudgley 1999: 263-64)⁷. A Belladonna, como outras solanáceas, foram, nesse período, associadas aos mais variados desmandos, mas não estavam sózinhas. Existem registos da utilização de ópio e cannabis – embora pouco relevantes – mas sobretudo de um fungo muito especial que está duplamente ligado à Belladonna: o ergot. As bruxas eram supostas possuírem tanto os

venenos, como os antídotos respectivos e é curioso verificar que a Belladonna era utilizada na medicina como antídoto para o envenenamento conhecido por ergotismo, o laço mais forte não sendo certamente este.

O ergotismo é o estado de envenenamento do grão do centeio, em verões chuvosos, causado por uma doença, embora possa afectar outros cereais, como a cevada ou o trigo. O causador da doença do centeio é um fungo, o *Claviceps purpurea*, que parasita a planta com a sua esclerotia vegetativa (o esporão, uma massa de aspecto escuro), diminuindo obviamente a quantidade de centeio produzido. Mas muito pior (ou, em certa medida, tão pior) do que a diminuição das colheitas é a intoxicação que o fungo causa tanto nos humanos, como no gado, quando estes se alimentam de cereal contaminado. O que é que acontecia às pessoas que eram contaminadas? Nada mais nada menos que sensivelmente o mesmo que aconteceu aos meninos de Woodstock nos loucos anos sessenta, bravamente comandados por esse moderno xamã que foi Thymothy Leary: a intoxicação por LSD. Como se sabe, o *Claviceps purpurea* foi a base que um investigador da Sandoz, o Dr Albert Hofmann, utilizou em 1938 para sintetizar o 25º derivado do ácido lisérgico existente no referido fungo; baptizou-o de L.S.D. 25 (Liserg Saure Diethylamid, ou seja, dietilamida do ácido lisérgico).

As referências históricas à intoxicação conhecida como ergotismo são múltiplas e, inevitavelmente, reúnem, por entre a comunidade de investigadores, aspectos consensuais e outros um pouco menos claros. Pode ser que os gregos na antiga cidade dos mistérios, Elêusis, utilizassem, para além do ópio, substâncias alucinogénicas nos ritos órficos (Rudgley 1999: 96), mas é ponto de concórdia que só existem registos de intoxicação colectiva a partir do século IX d.C. Os camponeses, artesãos e soldados que sofriam de ergotismo, sofriam de quê? Convulsões, espasmos musculares, tremores, alucinações e delírio compunham o pacote ergótico que atingia os desgraçados, cujas colheitas de cereal ficavam infectadas pelo famigerado fungo. Nada (em parte) muito diferente daquilo que o Dr Hofmann experimentou na sexta-feira 16 de Abril de 1943, quando ingeriu um cristalino de LSD-25. Porque este preparado era um derivado de apenas um dos alcalóides do *Claviceps purpurea*, a ergotamina, Hofmann sofreu apenas parte dos efeitos do ergotismo: alucinações espectaculares .

É, por vezes, confusa a história da *ravage* produzida pelo ergotismo, sendo que há autores (Ginzburg :1995 260) que entendem terem exis-

tido duas variedades; uma, gangrenosa, na Europa ocidental, e outra, convulsiva, na região centro-setentrional europeia. Por outro lado, refere-se uma intoxicação que terá afectado mais de 40.000 pessoas na Aquitânia (sudoeste de França) em 994 ou em 944⁸. Deve referir-se que a forma gangrenosa da intoxicação está na origem da designação popular do ergotismo como o Fogo de St António, *sacer ignis* ou Holy Fire (Fogo Sagrado). O St Anthony's Fire deve a sua referência às sensações de queimadura, antecedendo a gangrena, que os doentes sentiam nas extremidades dos membros. Por outro lado, o primeiro hospital – cerca de 370 se seguiram - erguido por Gaston de la Valoire para tratar os doentes de ergotismo, foi dedicado a St António, daí a sua designação popular. Assim, parece que condições climáticas específicas, juntamente com a inexistência de conhecimento científico apropriado, possibilitaram o ergotismo. Mas o que interessa, neste artigo, é associação entre o ergot, e também a Belladonna, e a condenação de pessoas e práticas.

A forma convulsiva de ergotismo, a que mais interessa aqui, fazia com que um desgraçado aparecesse aos olhos dos seus conterrâneos como um louco: espasmos musculares, tremores, alucinações. Só em 1670, um médico francês, Thuillier, estabeleceu a conexão entre o centeio espigado (ergot) e as formas gangrenosas e convulsivas do ergotismo. Mas até lá se chegar, as coisas não foram fáceis para os suspeitos do costume, as bruxas. Deve dizer-se nesta altura que o antepassado do LSD, o *Claviceps purpurea*, como é da ordem na história das drogas, também tinha utilização medicinal. Era muito utilizado como anti-hemorrágico mas sobretudo como abortivo ou para acelerar o trabalho de parto (tendo sido proibido em Hannover, em 1778), daí a designação na Turíngia como Mutterkorn ou centeio da mãe (Ginzburg 1995: 260). Por outro lado, observa-se uma correlação interessante (Ginzburg 1995: 261), nos Alpes e Europa Central, nos finais da Idade Média, entre as colheitas de centeio e os julgamentos por bruxaria. Na Suábia, sudoeste da Alemanha, em anos de numerosos julgamentos de bruxas, o preço do centeio era por norma muito elevado. Obviamente, tal significa que nesses anos o preço do centeio era elevado, porque o ergot tinha dizimado as colheitas. Vem desses tempos o termo francês *seigle ivre*, centeio-bêbado e o alemão *tolcorn*, grão-louco, para designar o centeio infectado. Aliás, Ginzburg⁹ informa-nos, já no século XIX, de histórias de papões que as mães contavam às criancinhas acerca do *roggenwolf*, lobo-do-centeio, e *roggenmutter*, mãe-do-centeio.

Os relatos dos inquisidores e dos seus autos de fé mencionam, no seu período áureo, a existência de unguentos ou pomadas, que eram os responsáveis por boa parte dos crimes de que as bruxas eram acusadas, como já referi. No século XVI, cientistas como Della Porta não duvidavam que transformações em animais, vôos ou aparições do Diabo eram fruto do uso de substâncias alucinatórias (Ginzburg 1995: 259). Francesco Maria-Guazzo celebrizou no seu *Compendium Maleficarum*, no início de Setecentos, os poderes que as bruxas tinham de invocar as receitas do Demónio e, se necessário, dele obter a receita dos antídotos. (Rugley 1999: 269). A estranheza das pessoas pelos sintomas do ergotismo convulsivo, as acusações dos inquisidores às bruxas e seus feitos desenham uma condenação primeva das substâncias psicoactivas na cultura ocidental. O medo, a rejeição, o desconhecimento geravam um resposta brutal e difamante. Médicos e curandeiros sofriam, nos tempos das piores crises de ergotismo, o mesmo anátema das bruxas. As suas capacidades de curar, a sua habilidade no manejo de substâncias misteriosas – para a maioria das pessoas – tornavam-nos suspeitos de feitiçaria. Aliás, as artes mágicas, ou melhor, os seus artífices, eram fregueses habituais dos tribunais inquisitoriais (Bethencourt 1994: 269-75). Em Veneza, entre 1586 e 1630, constituíram 39% dos acusados. Nos tribunais do Friuli, entre 1596 e 1610, 42% dos acusados. Na secretaria de Aragão, entre 1615 e 1700, 21% dos acusados.

É opinião corrente entre historiadores que muitos dos crimes dos quais as bruxas eram acusadas eram puramente imaginários. Aliás, também a maior parte das vezes, o judaísmo era um crime imaginário: a confissão e tortura eram arrancadas à custa de tortura e das próprias condições de detenção (Bethencourt 1994: 299). Afirmava o cavaleiro de Oliveira que o Santo Ofício transformava os cristãos novos em judeus. Também o Pe António Vieira nos dá conta dos inocentes condenados, como o cristão velho, que, por remir a vida, confessou que era judeu (Vieira 2001: 60-1). Segue-se que muitas das potencialidades das drogas que os acusados de feitiçaria usavam, sobretudo as solanáceas (Belladonna, Mandrágora e outras) e fungos (o *Claviceps purpurea* e o *Amanita muscaria*) seriam, por inerência, exageradas. Dito de outro modo, essas substâncias aplicadas quer em unguentos, quer em clisteres não eram capazes de fazer voar ou de transformar os seus utilizadores (voluntários ou amaldiçoados) em lobisomens.

Como o leitor já terá percebido, não me ocupei da abordagem histórico-filosófica da Santa Inquisição, nem dos seus julgamentos morais. O jogo é outro. Thymothy Leary, o guru do LSD nos anos sessenta, não tinha, de certo, sido mandatado pelo Tribunal do Santo Ofício, mas tal não o impediu, também, de atribuir ao LSD poderes e capacidades absolutamente despropositadas. O célebre *turn in, turn on and drop out* de Leary aspirava a elevar o LSD e congéneres a, ironia das ironias, religião oficial do século XXI. Portanto, os tribunais inquisitoriais apenas foram para aqui chamados como mais um parceiro do engano e da condenação. Parece sina das substâncias psicoactivas, quer ontem quer hoje, o sofrer de uma mistificação quase absoluta: o problema é que o erro e a ignorância engendram sempre consequências duríssimas para as pessoas envolvidas.

Não pretendi, como referi no início, demonstrar coisa nenhuma, ao escrever este pequeno artigo. O que pretendemos foi sublinhar que a narrativa das substâncias psicoactivas pode e deve ser utilizada para mitigar a enorme ignorância promovida pela ortodoxia burocrática do mundo dos especialistas da toxicodependência. O aspecto clínico tem dominado com aridez e crueldade¹⁰ o pensamento ocidental sobre as drogas, fornecendo a uma cultura política superficial os argumentos necessários para *a luta contra a droga*. Como consequência, qualquer linha de análise que não enverede pela participação nessa luta faz deslizar os seus autores para o ignóbil reino dos cegos, indiferentes ao sofrimento, ou daqueles que não têm esperança.

Entendo que a clínica da toxicodependência é um aspecto absolutamente autónomo e que não exclui o estudo, o conhecimento e a investigação da relação da intoxicação com a cultura. Qualquer aluno do ensino secundário está apto a compreender a diferença, letal, entre o mastigar de folha de coca nos Andes por um camponês do século passado e meia grama de crack fumada por um nova-iorquino dos nossos dias. A diferença é a subversão, pela cultura ocidental, de um produto, alterando as suas condições de utilização, a sua composição, a sua memória. A luta contra a droga, será, por inerência, a luta contra a cultura ocidental: percebe-se mal como pode ser travada.

NOTAS

- 1 Os Chicbas podiam, assim, enterrar vivos os bebedores da poção, tarefa que seria sem dúvida mais difícil e penosa se os desgraçados estivessem acordados e activos (Rudgley 1999: 38-41).

- 2 Episódio narrado por P. Metcalf, antropólogo, que trabalhou mais de duas décadas no Bornéu. (Metcalf 2002: 38-9).
- 3 Estes, à semelhança de outros acordos internacionais, acabaram, como se sabe, por desenhar uma política oficial de proibição das mais conhecidas e utilizadas substâncias psicoactivas (excepto o álcool), deixando de fora muitas outras que ou não eram conhecidas pelos burocratas dos organismos internacionais, ou que, na sua opinião, não ofereciam perigo para o ocidente.
- 4 Acerca do uso taxonómico do termo *Atropa*, baseio-me em Rudgley (1999: 32-6) e Davey Stoker, *Deadly Nightshade (Solanine)*, Lincoln College, Oxford University, 2002, consultado em <http://www.chem.ox.ac.uk/deadlynightshade.html>
- 5 Cf Luna Oxenberg, *From the Witches Brew: The Tropane Alkaloids of Deadly Nightshade, Henbane, and Mandrake*, 1998 pp1-8 consultado, em <http://www.cnr.berkeley.edu/~reynolds/Luna.html>
- 6 Ver ainda, acima, a este propósito, Davey Stoker (nota 4) e Luna Oxenberg (nota 5).
- 7 Rudgley (2002: 263-4) refere que a inserção de substâncias alucinogénicas através do ânus é prática comum em muitas culturas nativas sul-americanas.
- 8 Cf. Rudgley (2002) e Matossian, M.K. 1989 , *Poisons of the Past: Molds, Epidemics and History*, Yale University Press, New Haven, in *Ergot of Rye: History*, consultado em <http://www.botany.hawaii.edu/faculty/wong> ,,p1-10
- 9 *Ergot of Rye:Hystory*, op.cit, p.8
- 10 As drogas são perigosas, os toxicomanos são doentes e têm de ser tratados, sendo o resto conversa, resume bem a aridez do dictact clínico. Por que razão os psiquiatras que prescrevem ansiolíticos e antidepressivos, a quem se sente por vezes como Kierkegaard ou Schopenhauer por vezes se sentiam, não reivindicam o direito de estudar formas de poderem prescrever substâncias psicoactivas diferentes, é algo que releva da crueldade. Podem tais clínicos estarem correctos no seu imobilismo, como eu o posso estar, se não ajudo um homem que acabou de espancar a mulher, a tratar-lhe um corte no braço produzido pela refrega. Mas não deixa de ser um acto cruel. O psicólogo e psiquiatra Dr. Robert Ritter assumiu a direcção em 1937 do Centro de Pesquisas de Higiene Racial e Biologia da População, em Berlim e veio a estabelecer a mais exaustiva ligação entre o sangue cigano e sua pureza racial e a hereditariedade da criminalidade (cf. Fraser 1998: 247-8). O objectivo era interromper a reprodução da população alemã de sangue misto,

razão pela qual tal população foi confinada a campos de trabalho e entregue, depois aos cuidados de uma secção muito especial das S.S., os *Einsatzgruppen*. Como ensinava o Marquês de Sade, a crueldade é uma virtude, não um vício.

REFERÊNCIAS

- Bethencourt, Francisco
1994 *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cotterell, Arthur
1999 *Enciclopédia de Mitologia*. Central Livros.
- Fraser, Angus
1998 *História do Povo Cigano*. Teorema.
- Ginzburg, Carlo
1989 *História Nocturna: Uma Definição do Sabat*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Junger, Ernst
2001 *Drogas, Embriaguez e Outros Temas*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hamilton, Edith
1978 *La Mythologie, seus Dieux, ses Héros, ses Legendes*. Ed. Marabout (edição original 1940).
- Metcalf, Peter
2002 *They Lie, We Live: Getting on with Anthropology*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Rudgley, Richard
1999 *The Encyclopaedia of Psychoactive Substances*. Nova Iorque: St. Martin's Press. pp. 38-41.
- Schmidt, Joel
1994 *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Edições 70.
- Schroeder, Ingo
1996 'Die Rolle von Drogen in neun Hexenkulten'. *Jarbuch für Ethnomedizin und Bewulfseinforschung*, 5. pp. 99-116
- Vieira, Pe António
2001 *Em Defesa dos Judeus*. Contexto Editora.

Bruxas, Judeus, Centeio Louco e Beldades de Veneza: Destinos e Perdas de uma Memória Europeia de Drogas Esquecidas

Witches, Jews, Mad Rye and Venice's Beauties: Destinies and Losses of a European Memory of Forgotten Drugs

Sumário

O autor considera que o abuso de substâncias psicoativas diz mais respeito à história dos povos e das culturas do que ao conhecimento científico, sendo óbvio que as consequências da intoxicação serão sempre território de avaliação clínica. No entanto o autor ilustra com a memória da cultura europeia medieval e renascentista o equívoco de que ervas, poções e drogas misteriosas podem proporcionar a alguém uma alucinação interessante, mas decerto não conseguem fazer o indivíduo voar como uma bruxa. Assim, a condenação e a perseguição atingiram, na Idade Média e Renascença, curandeiros, médicos e simples curiosos, apenas porque essas pessoas tinham um contacto demasiado íntimo com as substâncias proibidas. O que é verdadeiramente notável, porém, é que as drogas referidas já eram conhecidas da cultura e medicina popular europeia muito antes de se tornarem suspeitas.

Summary

The author states that psychoactive substance abuse is more a matter of cultural experience than a scientific issue. The consequences of intoxication, doubtless, may and should be accessed from a medical standpoint, but the author appeals to the memory of ancient european culture to illustrate the misleading bias of drug use. Herbs, plants and ointments could lead someone to a hallucinatory experience, but they would be unable to make him or her fly like a witch. Thus, damnation and persecution were directed, during the Renaissance and the Middle Ages, against doctors, healers and herbalists only because they were too close to the forbidden substances. What is remarkable, however, is that most of the drugs involved were well known by european culture, long before they become suspicious.